

RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA ESCRITA DO TESTEMUNHO EM *BECOS DA MEMÓRIA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Ariel Oliveira Leite de Souza (Bolsista CNPQ); Luciana Paiva Coronel

Universidade Federal do Rio Grande arielleitee@gmail.com

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise do romance *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo, como escrita de resistência partindo da definição proposta por Bosi (2002). Para isso, destaca o forte teor testemunhal da obra, segundo Ginzburg (2007), associado ao conceito de escrevivência, apresentado por Evaristo (2007) como norte de sua escrita. A denúncia da exclusão social sofrida pelas populações negras e de sua perpetuação, da abolição ao momento da narração, demonstram que esse romance é uma obra de resistência. A denúncia da situação de profunda miséria em que vivem as personagens e seu agravamento devido ao processo de desfavelização, que busca expulsá-los do espaço historicamente ocupado, evidencia o aspecto testemunhal e marcam a obra como uma escrevivência.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, Escrevivência, Negritude, Resistência, Testemunho.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946. Cresceu em uma favela da zona sul da capital cuja população foi desfavelizada. Em 1987, escreveu o romance *Becos da Memória* (2016), que só foi publicado mais de vinte anos depois, em 2006. A obra narra as trajetórias de diversos personagens que vivenciam o processo de desfavelização. A memória, como o título indica, é essencial na elaboração desse romance que, segundo a própria autora, foi sua primeira tentativa de confundir a escrita e suas vivências em um texto ficcional.

Evaristo (2007) utiliza o termo escrevivência para definir essa combinação de memória, escrita e denúncia que marca suas obras. Segundo ela, sua escrita funciona como um espaço de autoafirmação de suas particularidades e especificidades como "sujeito-mulher-negra", constituindo "a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil" (EVARISTO, 2007, p.20). Ela afirma ainda que a escrevivência "não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos." (EVARISTO, 2007, p.21). Essa noção da escrevivência um modo de incomodar aqueles que oprimem e de resistir a essa opressão é expressa na seguinte passagem:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. (EVARISTO, 2007, p.20-21).

A noção de escrevivência se aproxima do conceito de testemunho proposto por Ginzburg (2007) que afirma que este está vinculado à vivência de um grupo de vítimas, das quais o autor do texto é articulador. Funcionando, assim, como espaço de autoafirmação e de denúncia das injustiças sofridas por esse grupo. Deste modo, ambos os conceitos apontam a escrita como uma ferramenta para dar voz aos marginalizados e os oprimidos.

Ginzburg (2007) afirma ainda que "Se o acabamento formal, com recursos de estilização literária, permitir atribuir ao testemunho um efeito mais incisivo na contrariedade ao discurso hegemônico, o valor ético da narração pode justificar a incorporação de componentes artísticos." (p.67). Isso deixa claro que a ficcionalização da memória feita por Evaristo no romance aqui discutido não anula seu teor testemunhal, ao contrário, o intensifica.

Também já afirmei que invento sim e sem o menos pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço de profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. (EVARISTO, 2017, p. 13)

No capítulo de abertura do romance *Becos da Memória* (2017), a personagem Maria nova, em quem é possível notar um desdobramento ficcional da própria autora, confirma sua intenção de articular as experiências daqueles cujo cotidiano é marcado pela pobreza e pela exclusão social através da seguinte citação:

Hoje a recordação daquele momento me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida era simples e como tudo era e é complicado! [...] Escrevo como uma homenagem póstuma à vó Rita [...] aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. [...] Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela (EVARISTO, 2017, p. 17).

Ginzburg (2007) afirma que "O estudo do testemunho exige uma concepção da linguagem como campo associado ao trauma. A escrita não é aqui lugar dedicado ao ócio ou ao comportamento lúdico, mas ao contato com o sofrimento e seus fundamentos, por mais que sejam, muitas vezes obscuros e repugnantes." (p.63). O episódio traumático que marca este romance, a primeira vista, parece ser a desfavelização. Porém, a miséria em que vivem as personagens constitui um trauma experienciado diariamente. Ao longo do romance vai ficando cada vez mais claro que essa miséria é herança de um passado escravista, o que é perceptível na seguinte declaração feita por Tio Totó:

- Maria-Velha, dizem uns que a vida é um perde e ganha. Eu digo que a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder. Perdi Miquilinha e Catita. Perdi pai e mãe que nunca

tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar, uma terra, que pais de maus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... E hoje, agora a gente perde um lugar de que eu já pensava dono. Perder a favela! Bom que meu corpo já está pedindo terra. (EVARISTO, 2017, p. 29)

Através da articulação das narrativas orais coletadas por Maria Nova é feita uma reconstrução da memória coletiva do trauma acarretado pela escravidão e pela marginalização causada por um estado que negligenciou a população negra após abolição, o largando-a a própria sorte. Situação que levou muitos negros a alocar-se as margens das grandes cidades, como é o caso da personagem Tio Totó que deixa a fazenda em que seus pais foram escravos apenas para encontrar mais sofrimento em miséria na favela. De fato, em diversas passagens desta obra, a favela é comparada a senzala, como lemos no seguinte excerto:

Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se isso era bem o que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. (EVARISTO, 2017, p. 150)

Por meio dessas narrativas também é feita uma denúncia da situação dos negros que permaneceram nas fazendas ou em seus arredores. A história do pai de Maria-velha que teve sua esposa e filha vendidas pelo dono da fazenda onde permaneceu trabalhando mesmo após a abolição, sobre a qual ele nem mesmo tinha ouvido falar, mostra que a escravidão perpetuou-se apesar da lei Áurea. Na fala do pai de Maria Velha vemos o momento em que, muitos anos depois, seu pai descobre que durante todo o tempo que passou na fazenda era, na verdade, um homem livre:

- Pai, vamos daqui, não é preciso nem falar pro sinhô da fazenda. Nessas andanças descobri coisas... Há muito que branco não é mais dono de negro. Nem vender Iya, a mãe, com os filhos, nem vender Ayba, minha irmã, podiam. Tenho algum dinheiro, labutei fora, trabalhei a madeira e vendi. (CONCEIÇÃO, 2017, p.34)

A narrativa sobre Negro Alírio apresenta uma outra faceta da opressão vivenciada pelos negros que permaneceram no campo. Embora aqueles que viviam em seu povoado oficialmente não fossem mais escravos, eles eram oprimidos por coronel Jovelino, dono da fazenda vizinha, para quem toda produção da comunidade era vendida com praticamente nenhum lucro. Entretanto, Negro Alírio consegue reverter a situação e torna-se um líder em sua comunidade, ensina os demais a ler e forma uma cooperativa, o que os torna independentes do Coronel. Este episódio é marcado por um forte senso de resistência, que é expresso pelo desejo de mudar sua realidade que Negro Alírio expressa na seguinte passagem:

Enquanto estive por aqui, plantei e colhi para nós e para outros. Ensinei a leitura para os pequenos e vivemos todos a vida de irmãos. Lembra pai, como era tudo antes? Cada qual miseravelmente no seu canto de terra, cada qual retendo a sua sabedoria, cada qual sedimentando a sua ignorância, a sua pobreza, cada qual mais fraco e temendo o coronel Jovelino. [...] Sabíamos que alguma coisa estava errada, que era preciso mudar. Ou a gente ou eles. (EVARISTO, 2017, p.55)

Assim, *Becos da memória* (2017) se mostra uma obra de resistência ao denunciar a exclusão social sofrida pelas populações negras e sua perpetuação, da abolição ao momento da narração. A resistência, segundo Bosi (2002), pode ser vista como tema de uma obra ficcional ou então funcionar como parte integrante do processo de escrita. No segundo caso, Bosi afirma que essa "decorre de um a priori ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se põe em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes" (BOSI, 2002, p.22). O autor destaca ainda que a literatura de resistência, através da ficção, é capaz de capturar a verdade de maneira que o texto não ficcional não poderia, como lemos na citação abaixo:

A escrita resistente não resgata apenas o que foi dito uma só vez no passado distante e que, não raro, foi ouvido por uma única testemunha [...] Também o que é calado no curso da conversação banal, por medo, angústia ou pudor, soará no monólogo narrativo, no diálogo dramático. E aqui são os valores mais autênticos e mais sofridos que abrem caminho e conseguem aflorar à superfície do texto ficcional. [...] É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente. (BOSI, 2002, p.27)

A resistência através da escrita parece ser um aspecto essencial da escrevivência proposta por Conceição Evaristo. A recuperação da memória coletiva do trauma através das vivências da autora, ressignificadas a partir de Maria Nova, marcam essa obra como uma palavra de testemunho, tornando-a ferramenta de resistência, uma vez que esta busca usar a literatura como um mecanismo para dar voz a todo um povo, que tem sido sistematicamente silenciado pela história oficial. Deste modo, testemunho e escrevivência se unem para criar uma obra que resiste em uma sociedade que busca apagar seu passado escravocrata, ignorando as problemas sociais atuais que são consequências dele.

Referências Bibliográficas:

- BOSI, Alfredo. **Narrativa de resistência**. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Da construção de Becos**. In: *Becos da Memória*. Rio de Janeiro, 2017. p.12-13.
- EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Marcos Antônio Alexandre, org. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- GINZBURG, Jaime. **Linguagem e Trauma na narrativa de testemunho**. Conexão letras, Porto Alegre, n. 3, p. 61-66, 2008.